

Quem matou Laura Starr?

de Tish Verdure

4 de julho de 1977

Quando cheguei a casa perto da meia-noite ainda conseguia ouvir os assobios e os estouros do fogo de artifício no bairro. A chuva cortante tinha-se reduzido finalmente a chuviscos e neblina e as ruas vibravam com celebrações ilegais. Raios de luz abriam-se como flores de neblina sobre as árvores. O fogo-presos assobiava. Foguetes gritavam. A noite de verão cheirava a doces e a fósforos queimados enquanto eu estava no quintal e via arco-íris de luzes à minha volta. No quarteirão seguinte, ouvi crianças aos gritos como se fossem índios sedentos de sangue. Senti-me molhada e selvagem.

Quando olhei para cima vi que a janela da Laura estava às escuras. Não havia sinais de vida.

Entre silenciosamente na nossa casa pela porta de rede e, descalça pelo chão da cozinha, deixei um rasto de pegadas molhadas. Não fiz barulho. Não queria que o meu pai me ouvisse e me fizesse perguntas sobre onde tinha andado e o que tinha feito esta noite. A minha boca podia mentir, mas a minha cara não. Se ele me visse também me perguntaria sobre a Laura. Onde estava ela? Com quem é que estava? Eu não queria correr o risco de uma repetição da noite anterior.

O pai e a Laura. Discussão violenta.

Subi as escadas dois degraus de cada vez, meti-me no quarto e tranquei a porta. Senti-me como num sonho. Talvez isto fosse como estar sob o efeito de drogas. Sem ligar as luzes, despi a roupa molhada até à minha pele suja. As minhas coxas estavam pisadas e doridas. Estava pegajosa lá em baixo, onde algo se tinha derramado. O meu corpo doía por dentro, mas era uma boa dor. Uma dor de primeira vez.

O meu dia de independência.

Oh, Deus, o comprimido! Não me podia esquecer disso, não esta noite. Remexi na gaveta da minha roupa interior e encontrei a caixa de plástico cor-de-rosa que escondia lá atrás. Pensei em tomar dois, só para me certificar, mas era uma estupidez. Pensei também em escancarar a janela do meu quarto e gritar ao mundo: CINDY STARR NÃO É VIRGEM! Mesmo estúpido.

Vesti umas cuecas limpas, saltei para as calças do meu pijama e enfiei pela cabeça uma *T-shirt* dos Fleetwood Mac. Não tomei duche nem lavei os dentes. Deitei-me em cima dos cobertores com os olhos totalmente abertos. De maneira nenhuma ia conseguir dormir esta noite. Estava demasiado cheia do Jonny.

Deixei-o em casa depois de sairmos do parque. A mãe dele esperava-o. Ela não gosta de mim, mas eu sei o que ela tem passado desde que perdeu o pai do Jonny. Foi o que se passou com o meu pai há três anos quando a minha mãe morreu. A Sra. Stride tem pavor de perder o filho, como se o Jonny fosse a última coisa que lhe lembrasse o marido. E eu sou uma ameaça. Ela sabe que eu o amo. Nós vamos casar-nos, não sei quando, mas vamos casar-nos. Eu vou tirá-lo dela.

Demasiadas coisas na minha cabeça!

Sentei-me na cama e pus o meu cabelo comprido atrás das orelhas. Precisava de falar com alguém. Não tenho um milhão de amigas, porque há sempre muita coisa a fazer em casa para poder passar tempo fora com amigos. Pensei em descer lá abaixo e ligar novamente ao Jonny só para ouvir a voz dele uma última vez, mas provavelmente ele já estava na cama e a mãe atenderia e isso não seria nada bom.

Decidi falar com a Laura. A verdade é que não o faço muitas vezes.

Tem de se perceber que a Laura e eu sempre fomos próximas, mas não muito *próximas*. Tenho dezassete anos, ela dezoito. Somos só nós as duas, mas somos como dois ímanes que se repelem um ao outro. Eu sou a divertida, a atleta, a namorada, e a Laura é melancólica, misteriosa e tem medo dos rapazes. Duas irmãs que são o oposto uma da outra não é assim tão bom. Estamos sempre a vermo-nos ao espelho e a pensar no que não temos.

Tem sido difícil para a Laura desde que a mãe morreu. Ela e o pai discutem o tempo todo. Discutem essencialmente sobre Deus. A Laura deixou de ir à igreja depois do acidente da mãe, como se Deus fosse culpado por a termos perdido. O pai diz-lhe que ela vai para o inferno

por virar as costas a Jesus. Sim, ele diz mesmo este tipo de coisas. O pai sempre foi um cristão devoto, ainda mais nestes últimos anos sem a mãe. Ele diz que Deus o castiga pelos seus pecados. Eu acho que foi apenas um condutor bêbedo.

Já eu descobri quem era depois de termos perdido a mãe. Eu sei o que parece, mas tive de assumir o controlo, cozinhar, fazer as limpezas, manter a casa de pé. Decidi que tem de se escolher um rumo na vida, e é isso. Hei de ir para a faculdade, casar-me com o Jonny, ser fisio-terapeuta e ajudar pessoas a recuperar de ferimentos graves. Como a mãe nunca chegou a ter oportunidade de o fazer. A Laura tem inveja de eu estar tão certa do caminho que estou a seguir.

Decidi-me a ir falar com ela. Saí da cama e deslizei pelo corredor até ao quarto dela. Não dá para se ser mesmo silencioso, porque os tacos guincham como bruxas. Bati suavemente à porta.

— Laura?

Na maioria das noites, a luz amarela ao lado da cama dela estava acesa até muito tarde e encontrá-la-ia com um livro debaixo do nariz. Esta noite não havia luz debaixo da porta. Como ela não respondeu, girei a maçaneta cuidadosamente e entrei.

— Laura? — chamei novamente.

Ela não estava. Ainda não tinha chegado a casa. Liguei a luz, o que me fez semicerrar e piscar os olhos. O quarto dela estava como sempre. A Laura era desarrumada. Roupas no chão. Álbuns empilhados na cómoda ao lado do gira-discos. Pósteres da Carly Simon e da Linda Ronstadt, ambos um pouco tortos na parede, onde tinham sido colados. Livros por todo o lado. Virginia Woolf. Sylvia Plath. Gail Sheehy.

Onde estava ela?

Lembrei-me da noite no parque. A Laura e eu fomos para lá juntas. Eu ia encontrar-me com o Jonny a seguir ao jogo dele de softebol e íamos os dois até ao lago nadar. Sabia que esta noite seria a nossa primeira vez. Andava a planeá-la havia semanas.

O que se passou foi que, antes do Jonny aparecer, a Laura estava a comportar-se de forma estranha. Dizia coisas assustadoras que eu não entendia. Perguntou-me, então, se podia guardar um segredo. Eu disse que sim, que podia guardar um segredo para sempre se fosse preciso, o que era verdade. Mas ela nunca teve a oportunidade de me dizer o que era. Em vez disso, foi sozinha pelos caminhos. Era noite. A chuva caía.

Eu nunca devia tê-la deixado ir.

Disse a mim mesma que estava tudo bem. A Laura tinha um encontro com um rapaz. Como eu e o Jonny. Por isso é que ela estava atrasada esta noite. Quase saí do quarto, mas aí vi algo na cama dela e percebi que estava errada.

A carta era tal e qual como as outras que tinham chegado anonimamente ao longo dos últimos dois meses. A Laura disse-me que tinham parado de chegar. Porque tinha ela mentido? Desdobrei o pedaço de papel e olhei para a fotografia a preto e branco, cheia de grão, e para o que estava escrevinhado na página a tinta vermelha e quase caí de joelhos e vomitei.

Enquanto a segurava na minha mão, lembrei-me de outra coisa do parque. Antes da tempestade rebentar, antes de o Jonny nos encontrar, a Laura não parava de dizer que alguém estava escondido no mato.

A observá-la.

Eu sabia que tinha de voltar.

Voei escadas abaixo com as minhas chaves do carro. Ainda tinha as calças do pijama e a *T-shirt* vestidas. Já passava da uma da manhã e a maior parte dos fogos de artifício havia muito que se tinha reduzido a manchas pretas queimadas na relva. Levei o *Opel Manta* do meu pai e as ruas estavam vazias, por isso fui rápido pelo brilho cinza da neblina. Demorei quinze minutos a fazer o caminho de volta até ao refúgio deserto de Tischer Creek. Não reconheci nenhum dos carros no mato emaranhado. O parque estendia-se e eu tinha a certeza de que havia miúdos que se escondiam sob o manto da escuridão a fazer o que eu e o Jonny tínhamos feito antes.

Não fazia ideia onde procurá-la. Gritei: — Laura!

Pensei ouvir uns sussurros. Comecei a ficar assustada e a sentir-me parva e estúpida por estar aqui sozinha. Lancei os meus braços e corri para o meio do terreno lamacento que usávamos como campo de futebol e andei às voltas, tentando ver as árvores e os caminhos por entre a neblina. Ouvei milhares de grilos a cantarem loucamente. A relva debaixo dos meus pés estava esponjosa e molhada. Durante o verão quase nunca usava sapatos.

— Laura!

A silhueta escura de uma garça, com a sua gigante envergadura e estranhas patas balançando, voou preguiçosamente sobre a minha

cabeça. Espantei-a com o meu grito. Voou na direção da água fria do lago e desapareceu. Segui na mesma direção, procurando o intervalo entre as árvores que dava para a praia a sul onde a Laura e eu tínhamos esperado pelo Jonny umas horas antes.

Não cheguei a ir tão longe. A trinta metros de distância, deparei-me com algo na relva.

O sapato da Laura. Um *Converse Flyer* cor-de-rosa.

Apanhei-o, procurei à volta pelo outro sapato e não o vi. Procurei no campo por qualquer coisa que lhe pertencesse, mas tudo o que vi foram beatas e garrafas de cerveja. Eu sabia que para encontrá-la tinha de ir para a floresta. Perto de onde eu estava, segurando o sapato dela, vi um caminho que seguia para norte ao longo da margem do lago, por entre as bétulas. Um tipo de laço invisível entre irmãos disse-me que era por ali que ela tinha seguido.

Quando segui, o caminho engoliu-me. A Lua desapareceu. Caminhei cuidadosamente, não querendo fazer barulho quando não sabia o que estava à minha frente. Não voltei a gritar pelo nome da Laura. O caminho estava coberto por uma camada de caruma que estalava. A chuva escorria pelas copas que protegiam as árvores. O vento cortava através das árvores e caía como um sopro quente e húmido no meu pescoço.

Passaram-se longos minutos. Normalmente não vinha por aqui, por isso o caminho era desconhecido. A minha cabeça imaginava histórias assustadoras sobre o que estava perto de mim na floresta. Não fazia ideia de quão longe tinha ido ou se deveria ter optado por um dos caminhos cruzados que iam dar acima do lago. Se alguém estivesse a dois metros de distância, eu não teria dado por isso. Este era o tipo de sítio onde os monstros podiam existir.

Vi uma brecha de claridade na escuridão, à frente, onde as árvores eram menos densas. Uma parte de mim queria dar a volta e regressar. Eu não queria ver este lugar secreto nem o que lá estava escondido.

De alguma forma eu sabia. Sabia, apenas simplesmente.

Ouvia a água a pingar sobre a areia molhada. Saída da mata, fui dar a uma clareira a uns vinte e cinco metros, uma abertura na floresta onde o lago desaguava numa faixa de praia em meia-lua que borbulhava em direção às árvores. Linhas douradas ondulavam no lago. Conseguia ver claramente através da escuridão do caminho.

A minha mão disparou para a minha boca e interrompeu o meu grito.

Corri.

— Laura — murmurei, a minha voz estrangulada.

Era pior do que qualquer coisa que pudesse ter imaginado. Vi o taco de basebol de alumínio ao lado do corpo dela, brilhante, reluzente e pegajoso. Cheirou-me a cobre. Caí de joelhos, os meus braços estendidos, as mãos a tremer no ar. Murmurei como se estivesse a rezar e do meu peito ouviu-se um gemido.

— Oh, não, não, não.

Ela estava toda vermelha. Vermelha por todo o lado. Como se se tivesse afogado em vinho. O seu lindo cabelo dourado tinha a cor de um batom berrante. Garras carmesim gotejavam das asas da borboleta tatuada nas suas costas nuas. A pele dela estava coberta por mosquitos, alguns vivos, outros mortos, presos na piscina e sem conseguirem abandonar o banquete. A cara dela estava na minha direção, uma bochecha na lama, mas já não havia cara, não havia sorriso, não havia os suaves olhos castanhos, nada do que tinha sido a minha irmã. A vida tinha sido arrancada dela golpe a golpe. Tentei imaginar a fúria que tinha feito isto e não conseguia pensar num coração tão negro.

Pousei uma mão hesitante no seu braço. A pele dela já estava anormalmente fria. A minha mão saiu como se tivesse mergulhado os dedos em tinta.

Foi quando ouvi. Ramos a quebrarem-se. Movimento. Respiração. Não da Laura, mas vindos da floresta negra. Peguei no taco de basebol e levantei-me. As minhas unhas cravaram-se no cabo de pele. Dobrei-me furiosamente, pronta para bater.

Alguém estava atrás de mim...